

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO
TRADIÇÕES RELIGIOSAS E PERSPECTIVAS DE DIÁLOGO

**NISHITANI E RELIGIÃO: DESDOBRAMENTOS DE UMA DESCENTRALIZAÇÃO
DO SUJEITO**

Pré-Projeto de pesquisa apresentado ao programa de pós-graduação *lato sensu* em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito para obtenção de título de Especialista.

Olavo Augusto Pereira Azambuja
Prof. Dr. Orientador: Edson Fernando de Almeida

Juiz de Fora
2018

1. DELIMITAÇÃO DO TEMA

Podemos conceber inicialmente a Modernidade Ocidental como uma centralização da relevância do homem diante do conhecimento das coisas. Uma gradativa mudança da sociedade marcou novas formas de se pensar e de se relacionar, deslegitimando o conhecimento a partir da autoridade religiosa de forma geral. Assim, podemos conceber em tom metafórico que ocorreu um giro copernicano colocando o sol da razão no centro do universo.

O filósofo francês do século XVII, René Descartes, é tido como o pioneiro da Filosofia Moderna e suas ideias marcaram a valorização de certa concepção da racionalidade do ser humano. Essas ideias terão como consequências uma forma de modificar e agir no mundo, com o absoluto desenvolvimento analítico em prol da maestria da técnica, ditando consequências inéditas na história do mundo e do homem através da evolução do tecnicismo.

Uma das ideias principais do filósofo francês será o *cogito ergo sum* (penso, logo existo), o que marcará com uma certeza indubitável a potencialidade do homem como centro cognitivo de acepção da verdade no mundo. A partir dessa certeza, o indivíduo será tomado como sujeito principal da história do conhecimento para dirimir qualquer dúvida em relação a outros pressupostos que forneçam potencial de verdade.

A problemática encontra-se em elencar um sujeito que destoa de outras coisas e do mundo, assumindo assim, uma posição de superioridade frente ao próprio mundo e às coisas. Na epistemologia clássica teremos o realce da concepção sujeito-objeto para sintetizar a relação da possibilidade do conhecimento no mundo. Mas nessa relação a dimensão do objeto ficará refém da absolutização do sujeito, virando mero predicado deste. Essa predicação do objeto o posiciona como o que deve ser conhecido, manipulado, explorado e etc. Concomitantemente o advento do pensamento técnico-científico traz consigo uma centralização do ego humano e um abuso exploratório e destrutivo de tudo que está fora do humano, que está no conceito cartesiano de *res extensa*.

Considerar a razão como único meio responsável pelo conhecimento a partir de Descartes, é o que dita o modo de ser moderno para os pensadores da Escola de Kyoto, e essa concepção que é criticada por essa Escola. A partir da tradição budista pensa-se em um estado de cegueira que a visão egocêntrica proporciona ao homem, mas os pensadores japoneses consideram que essa visão estreita e limitada ganha uma dimensão maior a partir da definição do modo de ser moderno, ao considerar a perspectiva racional como a única responsável pelo conhecimento.

Debruçando-se no entendimento e na repercussão da Escola de Kyoto veremos um diálogo contínuo entre o pensamento oriental com a filosofia ocidental. A profunda relação entre filosofia e religião é o diferencial nessa escola, marcando assim o tratamento das questões filosóficas universais discutidas com base em conceitos budistas, mas sem retornar a tradição budista em si mesma.

O desabrochar dessa escola de pensamento foi propiciada pela abertura econômica e cultural que o Japão teve a partir de 1854. Essa abertura conflui com a dialética de um Ocidente em crise, com um forte processo de secularização e dessacralização, além da já desconfiança dos valores espirituais. E um Japão sedento por conhecimento e abrangências, que via por meio das trocas, permitidas pela relatada abertura, um potencial para se prontificar a se posicionar relevantemente diante da crise ocidental.

A gama de influência do ocidente será enorme, como podemos notar o influxo de Kant, Husserl, Heidegger, Descartes, Hegel, Nietzsche e Sartre. Além dos filósofos gregos antigos, como Parmênides e Platão, os medievais cristãos, como Agostinho e Eckhart e também os autores da literatura, Goethe e Dostoiévski.

Os pensadores da Escola de Kyoto se tornaram referência na questão de tratar o Nada ou o Vazio, utilizando essa ideia como um caminho de interpretação e expansão para uma maior compreensão da condição religiosa do homem e de sua espiritualidade. James W. Heisig, professor de Artes e Letras de Nazan no Japão, chamou esses pensadores de *filósofos do nada* (2002).

Haverá então toda uma edificação da filosofia de Kyoto para tratar a busca por si mesmo através do encontro com o nada absoluto ou com a vacuidade, onde tudo se apresenta sem distinções ou dualismos, em sua *mesmidade* ou em seu próprio terreno. O crivo reflexivo será utilizado a partir do nada absoluto para se pensar também a realidade e seu sentido perante a perspectiva do homem. O professor HEISIG (2007, p. 377) assinala essas constantes da seguinte forma:

Sua investigação das questões filosóficas nunca se separou do cultivo da consciência humana como participação no real. Inspirando-se na filosofia antiga e moderna ocidentais, bem como em sua própria herança budista, e aliando as exigências do pensamento crítico à busca da sabedoria religiosa, eles enriqueceram a história intelectual do mundo com uma perspectiva japonesa renovada e reacenderam a questão da dimensão espiritual da filosofia.

Nishida Kitaro (1870-1945) foi o fundador da Escola de Kyoto, e sempre incentivou seus discípulos a estudarem na Europa. O pensador que pretendemos tratar aqui é um de seus discípulos chamado: Nishitani Keiji (1900-1990). Nishitani estudou com Heidegger por dois anos na Universidade de Friburgo, fato que tem consequência marcantes na construção filosófica do pensador japonês alvo de nossos estudos.

Nishitani também se destacou por aproximar seu projeto filosófico de viés Zen budista com o Cristianismo. Além de um expansivo diálogo com Mestre Eckhart por causa da questão do nada absoluto e a liberdade absoluta. Terá uma grande importância contemporânea por desenvolver uma refinada crítica do momento técnico-científico em que vivemos, no qual desembocará para o que pretendemos atentar aqui a princípio, que será seu entendimento sobre religião.

O pensador japonês considera que o estado egocêntrico do homem no qual já fizemos breve menção, produz uma interpretação da realidade correspondente a uma categoria considerada como *campo da consciência*, no qual se interpreta o mundo a partir da dialogia sujeito-objeto. Nesse viés ficamos limitados a perceber o mundo através de conceitos e representações, que nos daria a falsa sensação da obtenção da verdade através desses mecanismos racionais como definidores absolutos da apresentação e apreensão da realidade. Recordar a alegoria da caverna de Platão seria pertinente nesse momento, mas com suas devidas ressalvas.

Nishitani irá buscar um estado mais originário e elementar, que subtraia o pensamento meramente objetivista. Esse estado ele nomeará como *campo elementar*, o qual é passível de ocorrência através de uma demanda existencial suscitada pelo entendimento de experiência religiosa para o filósofo japonês. A mera auto evidência do *cogito* em sua própria auto sentença será colocada em xeque para uma busca mais profunda da mesmice do nosso eu, como o próprio autor salienta:

Pensar o ego desde um campo elementar supõe que o próprio ego descubra de forma subjetiva um campo elementar da existência em seu interior. Em outras palavras, podemos falar de um ego que chega a ser um si mesmo realmente, isto é, um despertar elementar. Esta forma de pensar o cogito é pensamento existencial: um pensamento mais elementar deve assinalar um modo de ser do eu mais elementar. Desde esta perspectiva, o cogito, ergo sum cartesiano pode assegurar sua própria verdade só quando é derrubado o campo da autoconsciência e se abre através do campo do si mesmo mais elementar, pois onde isto não tem lugar, o eu dessa

autoconsciência chega a ser ao fim, para ele mesmo, falsidade e desilusão.
(NISHITANI, 1999, p. 52)

Essa superação da perspectiva egocêntrica será alcunhada pelo nosso pensador, com o peso da tradição budista, como sendo um despertar do homem para o seu rosto original. Seu ideário será que filosofia e religião andam juntas, apresentando divergência de nossas acepções costumeiras *strictu sensu* do que seja religião e experiência religiosa. Para ele essa experiência não é nada mais do que o modo de viver e perceber o mundo.

Como é notável o teor diverso do entendimento de religião para o pensador japonês, resta-nos dizer primeiramente o que não é entendido como isso. Nishitani (1999) não irá abordar a relação do homem com Deus ou com o absoluto, nem com o abandono da vontade do homem para viver de acordo com uma suposta vontade suprema. Nem falará do conhecimento ou visão propriamente de Deus, tampouco que apenas no sentido tradicional de religião que despertamos para o rosto original. Mas poderá se aproximar do conceito de Schleiermacher de uma intuição do infinito no finito.

Mesmo assim a abordagem de Nishitani será diversa, ele pensará a religião como um despertar à realidade, ou a realização real da realidade. Esse sentido de realização pode ser entendido como um misto de manifestação e apreensão da realidade. Ou seja, é a realidade que aparece de modo elemental à nossa consciência, e não a nossa consciência que dirime a realidade e o mundo através de conceitos e representações.

Para esse processo de descentralização do sujeito e de seu campo da consciência acontecer é necessária uma busca ou uma crise existencial. A partir do momento que percebemos a falta de fundamento e sentido na vida adentramos em uma atmosfera niilista. Essa atmosfera pode advir por exemplo da morte de um ente querido ou de uma doença grave que nos acometerá. Tudo começa a ser colocado em questão com o niilismo.

O cume desse processo de questionamento total, não terá a finalidade de buscar a serventia ou a utilidade das coisas como de fato são comumente buscadas pela religião tradicional. Há uma busca muito mais íntima que questiona o sentido da existência. O completo absurdo do niilismo permite operar uma conversão na consciência, que faz ultrapassar o campo da consciência e do sujeito autocentrado.

Esse processo culminará com o que Nishitani chama de grande dúvida ou grande morte. Ultrapassada a niilidade o eu e as coisas renascem em seu modo de ser real, na sua mesmidade e no seu próprio terreno. É ultrapassada a perspectiva do *cogito*, e a partir da morte do eu, renasce um novo eu imerso na vacuidade, esfera não passível de assimilação por

conceitos ou representações. As coisas não são mais objetos do sujeito consciente, tudo se mostra em sua talidade, ou seja, da forma tal qual são.

2. PROBLEMÁTICA/HIPÓTESE

Nishitani nos apresenta uma concepção não tradicional da religião, que combina muito com uma prática e vivência filosófica. Mas nos resta saber o que essa proposta pode nos trazer enquanto seres humanos, não apenas de forma geral, mas também de certa forma intimista. Além de soar razoável também uma consideração da amplitude desse pensamento para os nossos dilemas enquanto sociedade.

É fato que o nosso pensador tenha um projeto com sua filosofia, não configurando em algo meramente acadêmico. Podemos notar uma grande pretensão em sua empreitada, como nos relata HEISIG (1999, p.16) na introdução espanhola do livro *La Religión e la Nada*, que o nosso filósofo japonês deseja: “(...) criar a base filosófica para uma existência individual total e válida, que serviria de base para uma nova existência social, para o avanço da cultura humana, e para uma superação dos excessos da idade moderna”.

Acabamos concebendo uma ideia de despertar ou de libertação que originaria uma existência individual total e válida: o nosso estado costumeiro e ensimesmado da consciência precisaria sofrer um certo processo potencializador que permitisse uma abrangência mais elementar da nossa existência. A pesquisadora PRAZERES (2013) citando TAKEDA nos redireciona para uma busca genuína pela verdadeira realidade, no qual ao mesmo tempo que o homem toma consciência da realidade, a realidade se realiza na consciência do homem.

Para Nishitani há um fator de inegável necessidade da religião, porque podemos entender que a partir do momento que: há um questionamento existencial levado às últimas consequências que busca a finalidade da vida; há também uma possível modificação com o trato costumeiro com as coisas. Assim, é importante salientar o seguinte aspecto a partir de PRAZERES (2016, pg. 212):

Deve ficar claro que o eu livre do egocentrismo não se caracteriza pelo sujeito sem sua relação com o mundo. De outra forma, a libertação do eu apegado a si mesmo se afirma no encontro com o mundo tal como é. Ou seja, o fato de que as coisas do

mundo sejam, e assim nos apareçam como realmente são, é inseparável da libertação do entendimento responsável por ver o eu como sujeito. Desse modo, é indispensável o ponto de vista do não-ego para termos acesso à realidade.

Por isso, a partir do momento que ultrapassamos a mera perspectiva reducionista do sujeito egocêntrico, temos um encontro com o não-ego. Nessa esfera, na qual acontece na vacuidade, não se perde a relação do indivíduo com o mundo. Ao invés disso, há uma modificação de como o homem vê o mundo, uma forma elementar e original é desvelada e a relação dos dois é suscitada de uma nova forma na qual o homem não se sobressaia, e o mundo se apresenta claramente sem a válvula de sua vontade.

O espectro egocêntrico nos traz suas possíveis ilusões através do funil dos conceitos e representações, mas podemos perceber que desvencilhar disso não é algo fácil e simplista. Talvez isso não possa nem ser ensinado, e nem mesmo ocorrer de forma massiva, pois se trata de algo muito intimista e que exige uma entrega e disponibilidade de corpo e de alma. Podemos ver aqui o reflexo da experiência máxima da tradição Zen Budista, que seria o *Nirvana*.

Mas mesmo colocando nossos pés bem fincados no chão, urge a necessidade de descentralizar o homem e o sujeito moderno, pois não é de difícil percepção os estragos e desgaste que nosso mundo em um sentido ambiental vem sofrendo. A partir dessa sanha técnico-científica há um derradeiro colapso com toda instrumentalização com a finalidade de subjugar a natureza, que é tomada como um objeto a sempre ser explorado e vilipendiado.

Não deixa de ser a busca por um autoconhecimento o que almejamos mostrar como relevante no entendimento de religião de Nishitani. Mas também é relevante os desdobramentos de uma descentralização do sujeito, no qual também nos leva a uma ideia valiosa do Budismo Zen que é a questão da originação dependente (*pratitya-samutpada*). Ou seja, há uma coexistência e correlação entre a existência de todos os seres, que os mergulham em uma teia de interdependência e em uma trama global e cósmica. (MICHELAZZO, 2011)

Segundo o Mestre Zen japonês do século XIII, Dōgen, é pressuposto para o despertar búdico o dismantelamento do si mesmo, a partir do qual o homem é oniabarcado pela teia cósmica e interdependente. Podemos visualizar que o homem alcançaria a iluminação a partir do comentário de MICHELAZZO (2011, pg. 145), considerando a questão de que: “(...) todo resquíio de dualidade e de autocentralidade é deixado para trás porque todos os demais corpos e mentes do mundo se desprenderam do olhar antropocêntrico que os via como entidades separadas.”.

Diante dessa entrega para a malha cósmica com a descentralização do sujeito antropológico, podemos notar uma ideia mais viva e ressoante de natureza. E assim não nos assusta as ideias poéticas de Dōgen no qual as montanhas caminham e se movem na água. E que esse caminhar deve ser igual ao dos homens, e que não podemos ousar duvidar disso. (CARVALHO, 2006). Assim, fixamos uma ponte para o futuro de uma nova cosmovisão.

3. RECORTE DO OBJETO

Buscaremos centralizar o princípio de nossas pesquisas na obra *La Religión y La Nada* (Tradução de Raquel Bouso) de Nishitani, na qual ele aborda a questão sobre o que é religião. Ele não visará abordar a questão do fenômeno da religião em relação a diversos momentos históricos, ou a análise de uma religião propriamente dita. O autor não pensará a religião em questão de utilidade, mas sim a sua potência a partir do ponto de vista da vida.

Para criarmos nuances do entendimento de religião de Nishitani buscaremos uma contextualização a partir da tradição religiosa do Zen Budismo. Essa empreitada é válida pois Nishitani trabalhará na linguagem filosófica, e assim pensaremos fazer uma busca para além dessa linguagem, atrás de noções e acepções costumeiras que o Zen Budista que dizem muito das ideias do pensador japonês.

Para um possível diálogo a partir desses pontos iniciais buscaremos posteriormente as referências cabíveis.

4. JUSTIFICATIVA

É relevante apontar a derradeira crise do sujeito racional como centro cognitivo e a problemática disso em relação ao contato do homem com o mundo e as coisas. Uma saída através do entendimento de religião tomado em um sentido mais amplo nos aponta uma pluralidade de possibilidades. Questionar as costumeiras visões epistemológicas nos faz criar um arcabouço de percepções para uma nova convivência mais harmônica com o mundo.

Normalmente as pesquisas sobre a obra de Nishitani nos trazem interpretações mais no sentido fechado da Filosofia. Por isso tentar resgatar uma contextualização a partir da tradição Zen Budista nos traz um campo mais aberto de entendimento e compreensão. Valorizar o sentido religioso da obra do pensador japonês, fazendo referência ao universo do Zen faz uma tomada mais ampla e poética da problemática do sujeito ensimesmado. E os aportes e entendimentos próprios do Zen nos trazem uma gama maior de significantes.

Portanto, é necessário iniciarmos uma discussão e também um diálogo através das novas perspectivas antropológicas, com o propósito de questionarmos as consequências do peso do antropocentrismo. E assim, buscar chaves de compreensão para a malha de transtornos da habitação do homem no mundo, procurando saídas para uma maior valorização de um universo além do estritamente humano.

5.1 OBJETIVO GERAL

Demonstrar que o entendimento de religião de Nishitani provoca uma descentralização antropológica valiosa para uma nova perspectiva e cuidado com o mundo e com as coisas, fora do âmbito cognitivo exclusivista humano.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

5.2.1. Conhecer os aspectos da crise da modernidade e do paradigma da razão, e a resposta da Escola de Kyoto para tal.

5.2.2. Determinar o entendimento de religião para Keiji Nishitani, e sua contextualização com a tradição Zen Budista.

5.2.3. Verificar um possível diálogo do desdobramento do entendimento de religião de Nishitani com as novas vertentes da antropologia (simétrica e perspectivismo), contando com o apoio de certas concepções do Zen Budismo.

6. METODOLOGIA

A pesquisa versará em um estudo bibliográfico da temática. Será feito um levantamento de livros e artigos em revistas especializadas sobre a questão da religião em Nishitani, além de material para um entendimento melhor da tradição Zen Budista para realizarmos uma possível contextualização no pensamento de Nishitani. Buscaremos fazer uma análise reflexiva que forneça um sentido ampliado do tema.

Guiaremos principalmente o nosso estudo pela obra de Nishitani e seus principais comentadores. Também nos auxiliaremos com a pesquisa da obra do pensador japonês feita pela pesquisadora brasileira Amada Sayonara, que atualmente faz seu Phd na Espanha com a

orientação de Raquel Bouso. O estudo do Zen Budismo será feito de maneira ampla e eclética, e as perspectivas de diálogo com as novas perspectivas antropológicas também.

7. CRONOGRAMA

Tarefa/Mês	Fev/Abr	Mai/Jun	Ago/Out	Nov/Jan	Fev/Abr	Mai/Jun	Ago/Out	Nov/dez
Ler/Fichar	X	X	X					
1º Capítulo			X	X				
2º Capítulo				X	X			
3º Capítulo					X	X		
Conclusão						X	X	
Introdução						X	X	
Revisão							X	X
Defesa								X

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **O império dos signos**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BEZERRA, Cícero Cunha. **Nihilismo Oriental e Cristianismo**: Reflexões a partir do Pensamento de Keiji Nishitani, Revista da Fapese, v.4, n. 1, p. 33-40, jan./jun, 2008.

BOUSO, Raquel. **Zen**. Barcelona: Fragmenta Editorial, 2012.

CARVALHO, José Jorge de. **Raro como a flor de udumbara**: a influência crescente de Dogen no pensamento filosófico-religioso mundial. Série Antropologia. Brasília, 2006, p. 1-22.

FLORENTINO NETO, Antonio & GIACOIA Jr, Oswaldo. **O nada absoluto e a superação do nihilismo**: os fundamentos filosóficos da Escola de Kyoto. Campinas: Phi, 2013.

- GONÇALVES, Ricardo M. **Textos budistas e zen-budistas**. São Paulo: Cultrix, 1976.
- HEISIG, James W. **Filósofos de la Nada: Un Ensayo Sobre la Escuela de Kioto**. Barcelona: Herder, 2002.
- HERRIGEL, Eugen. **O caminho zen**. São Paulo: Pensamento, 2010.
- LOPARIC, Zeljko (Org). **A Escola de Kyoto e o Perigo da Técnica**. São Paulo: DWW editorial, 2009.
- MICHELAZZO, José Carlos. **Desapego e Entrega: atitudes centrais da meditação zen-budista e suas ressonâncias nos pensamentos de Eckhart e de Heidegger**. Rever, Ano 11, n. 2, jul./dez. 2011: <http://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/8138>
- NISHITANI, Keiji. **La Religión y la Nada**. Trad. Raquel Bouso García. Madrid: Siruela, 1999.
- PRAZERES, Amanda Sayonara Fernandes. **Existência e Liberdade: A transcendência extática da vida no livro a religião e o nada de Nishitani Keiji**. Dissertação (Mestrado) - UFRN, Rio Grande do Norte, 2013.
- _____. **A Experiência Religiosa e a Superação da Modernidade em Nishitani Keiji**. In: Takeshi Morisato. (Org.). *Frontiers of Japanese Philosophy8: Critical Perspectives on Japanese Philosophy*. 1ed.Nagoya: Nanzan Chizokudo, 2016, v. 1, p. 1-432.
- SILVA, Franklin Leopoldo e. **Descartes: a metafísica da modernidade**. São Paulo: Moderna, 2005.
- TEIXEIRA, Faustino. **A espiritualidade Zen Budista**. Horizonte, v. 10, n. 27, p. 704-727. jul./set. 2012: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2012v10n27p704>
- _____. **A narrativa de Deus nas religiões não monoteístas**. Um olhar sobre a Escola de Kyoto. Revista Eclesiástica Brasileira, [S.l.], v. 74, n. 295, p. 711-722, out. 2018. ISSN 2595-5977. Disponível em: <<http://reb.itf.edu.br/reb/article/view/495>>.
- UEDA, Shizuteru. **Zen e filosofia**. Palermo: L'Epos, 2006 (tradução espanhola: Zen y filosofia. Barcelona: Herder, 2004).
- VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- VELASCO, Juan Martín. **El fenómeno místico**. Madrid: Trotta, 1999.
- WATTZ, Alan. **O espírito do Zen**. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- YOSHINORI, Takeuchi (Org). **A espiritualidade budista II**. China mais recente, Coréia, Japão e mundo moderno. São Paulo: Perspectiva, 2007.